



Guarda ajuda estudantes do Inei a atravessar a pista em frente à escola

Recomeça vaivém para 120 mil alunos

É o fim da rotina gostosa das férias. Acordar cedo, carregar mochila e assistir a aulas são as novas tarefas diárias de 120 mil crianças e adolescentes do Distrito Federal nos próximos 200 dias — com uma pausa em julho, para o recesso.

A maior parte das 430 escolas da rede de ensino particular recomeçaram as aulas na segunda-feira. As outras já haviam reiniciado as atividades nos dias 3 e 13 deste mês.

O início das aulas depois do feriado do carnaval garantiu a presença da maioria dos estudantes. E confirmou que, apesar da evasão de alunos para as escolas públicas, as mensalidades (entre R\$ 50 e R\$ 400) ainda não afastaram os alunos de classe média e alta das escolas particulares.

“Na primeira semana de aula, o

problema não são as faltas dos alunos. A maior dificuldade é a falta de organização e de informações. Muitos pais, por exemplo, deixam a compra de material para a última hora”, diz Clarindo Bravine, diretor adjunto do colégio Maristinha, que tem 1.452 estudantes matriculados da pré-escola à 8ª série.

Funcionária do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Cleonice Maria Amorim, 38 anos, foi uma das atrasadas. “Deixamos para comprar depois por causa da viagem das férias”, explica a moradora do Lago Norte. O filho Sidney, 16, teve que esperar para levar o material para a sala de aula. Há oito anos, ela adia as compras e enfrenta a fila da livraria do Maristinha.

Para o presidente do Sindicato

dos Estabelecimentos Particulares de Ensino (Sinepe), Izalci Lucas Ferreira, a volta às aulas traz um problema mais sério que a compra de material: a insegurança na porta das escolas. “Nessa época, com a garotada atravessando as ruas, aumentam os acidentes de trânsito”, alerta.

PRESSÃO

Nem o material escolar nem a insegurança preocupam Mariana, Roberta, Gustavo, Rian e Larissa. Nos próximos 200 dias letivos, eles serão submetidos a momentos de grande pressão. Os garotos estão matriculados no 3º ano do 2º grau do Colégio Sigma. “Para passar, vou fazer vestibular no mundo todo”, brinca Mariana Cândido, 17, que quer cursar Medicina ou Direito.

O reinício das aulas não trouxe

boas notícias para o grupo. Agora, eles têm mais professores e uma carga horária mais pesada. As 30 horas semanais se transformaram em 32 e os testes serão mais freqüentes. “O conteúdo das disciplinas também está mais denso”, avisa o diretor pedagógico do colégio, Ronaldo Lima Yungh. Quatro mil alunos estão matriculados no Sigma, entre a 1ª série do 1º grau e o 3º ano do 2º grau.

“São duas pressões. Ser aprovado no 3º ano e passar no vestibular”, observa Roberta Peixoto, 16. “Eu já passei no vestibular, mas vou ter que terminar o 2º grau e fazer outra prova”, lamenta Larissa Melo, 16. No ano passado, ela conseguiu ser aprovada no curso de Direito do Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub).